

O PERFIL DOS COQUISTAS

Josane Cristina Santos Moreno



Sabendo que o coco é uma manifestação cultural popular que, na atualidade, é tida como dança e canto de minorias estigmatizadas pela sociedade, pretendemos com este estudo traçar um perfil dos praticantes do coco aqui na Paraíba. Para tanto, abordaremos a situação socioeconômica dos coquistas bem como aspectos de sua formação cultural.

A análise do material que utilizamos (relatos de visita, transcrições de entrevistas, além da observação participante) não foi exaustiva, mas serve como demonstrativo das condições em que se encontram os cantadores e dançadores de coco paraibanos.

No que diz respeito à situação socioeconômica, os praticantes do coco, em sua maioria, convivem com os mesmos problemas que são comuns a uma grande parte da população brasileira: falta de habitação, moradias insalubres, carência alimentar, desemprego, luta pela posse da terra e até condições de trabalho de semiescravidão.

Os cantadores e dançadores de coco são, na maioria, pessoas que estão numa faixa etária superior a quarenta anos. Este dado tomado isoladamente, não revela, na realidade, o perfil dos coquistas na Paraíba, porém, se levarmos em consideração o aspecto físico das pessoas com quem travamos contato, encontraremos homens e mulheres que trazem no rosto e no corpo as marcas de uma vida difícil que fez com que muitos

envelhecessem antes do tempo, aparentando mais idade.

As famílias dos coquistas, sobretudo aquelas que vivem na zona rural ou na periferia das cidades, são formadas por muitas pessoas. Há casos em que, além dos pais e dos filhos menores ou solteiros, são encontrados, dividindo um pequeno espaço, os filhos casados acompanhados por suas respectivas famílias.

Tanto na zona rural como nas cidades, grande parte dos filhos dos coquistas não tem acesso à escola. Dentre os fatores que contribuem com esta forma de segregação social está a necessidade de aumento do rendimento familiar (as crianças de pouca idade são obrigadas a trabalhar), uma vez que os chefes das famílias, sozinhos com seu trabalho, não têm condições financeiras para sustentar todos aqueles que moram sob o mesmo teto.

Outro dado revelador do perfil dos coquistas na Paraíba é a sua condição de habitação. Intimamente relacionado à situação financeira dos cantadores e dançadores de coco está o problema da moradia por eles utilizada. Se, por um lado, uns poucos possuem uma pequena casa própria, por outro lado, a grande maioria vive em casinhas miseráveis sem uma mobília mínima.

A exemplo do que foi afirmado, dois casos são reveladores desta situação: Seu Manuel Maroca, coquista, morador de uma comunidade localizada no município de Alagoa Grande (PB), no dia em que estava sendo entrevistado em sua casa, ofereceu os

dois únicos tamboretos de que dispunha aos entrevistadores e ficou em pé; no município de Pilar (PB) uma mulher coquista não conseguiu demonstrar algumas maneiras de se tocar o coco, porque não possuía nem mesmo uma lata ou panela que servisse para emitir som.

Em se tratando dos coquistas que vivem na zona rural, foram encontrados exemplos como o de Seu Joventino que, ao falar sobre o dono da terra em que ele trabalha, disse: “Ele é nosso proprietário”ⁱ. Com esta afirmação, o coquista, em nosso entendimento, não consegue fazer uma distinção entre os bens do “patrão” (supõe-se que ele percebe o “patrão” como o dono da terra e dos homens). Tem-se outro exemplo da situação em que se encontram os cantadores e dançadores de coco que vivem na zona rural da Paraíba no relato de um mestre do coco de uma comunidade formada predominantemente por negros. Segundo o mestre, apesar das famílias habitantes desta localidade serem as herdeiras naturais daquelas terras (uma vez que elas pertenciam aos seus pais e avós), a cada dia que passa, estão perdendo partes do seu território para os proprietários de terras vizinhas. Durante a entrevista Seu João Maria ressaltou: “Como os pretos não têm letra, são enganados pelos doutores da cidade.”ⁱⁱ

A exploração dos coquistas não é exclusividade da zona rural da Paraíba, pois, em bairros localizados na Grande João Pessoa, a exemplo da 1. Informação extraída de meu relato de visita à comunidade de Forte Velho do dia 25/07/92. 2. Seu João Maria, mestre do coco da comunidade de Caiana

dos Crioulos, Alagoa Grande (PB), em entrevista concedida a Werber Pereira Moreno e a mim, no dia 17/ 01/93, Praia da Penha, encontramos o caso de pescadores, participantes do coco, que vêm enfrentando um processo de despejo da terra onde moram. Apesar de viverem na Vila dos Pescadores há mais de vinte anos, os moradores daquela comunidade se viram forçados a fazer um “acordo” com os especuladores imobiliários que cada vez mais ocupam a orla marítima. Não é preciso muito esforço para se entender que, com esse “acordo”, os investidores da construção civil que atuam naquela área, pretendem usufruir da boa localização dos terrenos sem a mínima preocupação quanto ao destino dos que ali vivemⁱⁱⁱ.

Com todos os problemas enfrentados pelos cantadores e dançadores, até aqui analisados, o perfil dos coquistas na Paraíba não poderia deixar de conter traços que identificam exploração e discriminação da qual são vítimas.

Índios, negros e seus descendentes, iletrados em sua maioria, exercendo profissões de baixa remuneração, tais como pescadores, trabalhadores agrícolas, pedreiros, vigilantes, os coquistas encontram-se vulneráveis a todo tipo de exploração e discriminação. Se, por um lado, a cultura popular é utilizada pelos políticos locais como mais uma forma para ampliar votos e garantir a ascensão ao poder deste ou daquele candidato, por outro lado, os coquistas, dada a sua situação de pobreza absoluta, aproveitam as campanhas eleitorais para obterem algum tipo de rendimento. Contudo, não bastasse esse desrespeito dos poderosos para com os

participantes do coco, há “donos do poder” que semeiam intrigas entre cantadores e dançadores. Em um dos povoados que visitamos, encontramos dois grupos de coquistas, cada qual ligado a um dos chefes políticos do local. Onde antes havia luta conjunta por água tratada e iluminação elétrica, hoje se encontra discórdia e muita confusão.

Após situar o coquista em sua realidade socioeconômica, passaremos a tratar da formação dos coquistas e da percepção que eles têm a respeito do coco enquanto manifestação cultural popular, bem como do processo discriminatório a que estão submetidos.

No que diz respeito à formação do coquista, merece destaque o caso de Seu Manuel, mestre do coco, residente na cidade de João Pessoa.

Manuel Francisco de Melo (Manuel Ventinha ou Neco, como é tratado pela família) tem 70 anos, é aposentado, mas trabalha ainda, como vigilante e pedreiro. Aprendeu a “brincar” o coco aos 10 anos de idade através de um tio e de um irmão mais velho, hoje falecidos, que eram mestres do coco. Seu Manuel gostava de acompanhá-los sempre que eles iam tocar em festas ou em outras ocasiões. Mestres como seu irmão e seu tio, nunca mais conheceu.

Em uma das entrevistas, ao ser questionado sobre o coco e de como esta manifestação chegou ao Brasil, Seu Manuel nos fala do que aprendeu por intermédio dos seus avós. Segundo Seu Neco:

[...] Esse coco de roda exatamente, primeiramente isso veio da banda da África, né? Isso é negócio de africano, né? É por isso que eu digo, primeiro Estado onde foi inventado o coco de roda foi Bahia, porque a Bahia foi lugar de mais escravos. Acho que sim, no início do Brasil acho que foi, né?^{iv}

De acordo com Seu Manuel, a brincadeira acontece da seguinte forma: os tiradores de coco ficam à parte, cantando e tocando os instrumentos e faz-se um círculo com pessoas dançando lado a lado. Enquanto isso, fica uma pessoa no centro da roda convidando as outras que estão em redor para dançar. Este convite é feito através de palmas e simulação de uma umbigada. Na dança, a marcação é sempre feita com um pé e outro não. Seu Manuel explica esses passos miudinhos como herança dos escravos que, acorrentados nas senzalas, ficavam impossibilitados de se moverem e só podiam dar pequenos passos. Como diz Seu Manuel:

Eles pegavam um jabu com couro de gato, de maracajá e batendo e dançando dentro da senzala, né? Com aquele fogo feito na senzala e é com que eles se divertiam [...] E não podiam dançar com uma corrente no pé, não é, passado o cadeado o camarada não podia se largar pra dançar. Eles tinham somente que fazer aquele passo.

Seu Manuel ao tratar da estrutura do coco, mostrou que existem algumas distinções. Para ele, há o *coco de mão* ou *teima*, que possui quatro versos, e o *coco de oito versos*, a modalidade que ele mais aprecia. E exemplifica:

Meu avião de alumínio
corre do Sul para o Norte
moça que corta o cabelo
com ela não tenho sorte

Meu avião de alumínio
corre de Norte pro Sul
moça que corta o cabelo
do céu não vê o azul¹



Seu Manuel é iletrado e disse que memoriza todos os cocos que ouve. É compositor, mas, por não saber escrever, já perdeu da memória muitas de suas criações. Sua fonte inspiradora está nas notícias em que apreende, através da imprensa, fatos do dia-a-dia, entre outras.

Além de vivenciar ardorosamente as festas juninas, momento em que a brincadeira do coco é mais frequente, Seu Neco também é amante do carnaval e participa de blocos tradicionais em João Pessoa. Gosta também das músicas de Luiz Gonzaga e Vicente Celestino.

Quando interrogado sobre a situação atual do coco, Seu Manuel não esconde o desencanto por sentir que o coco de roda já não atrai ou desperta o interesse dos jovens nem das autoridades responsáveis pelos órgãos ligados à cultura. Com um

¹ Código: J.

certo saudosismo na voz, Seu Manuel relembra a época em que esta era uma brincadeira presente no cotidiano das pessoas e lamenta:

Mas hoje em dia acabou-se. Agora os prefeitos só faz festa é no Espaço Cultural que é pra dar dinheiro aos cabras que tomam conta daquilo ali.

Assim como Seu Manuel, outros cantadores de coco que vivem neste Estado vêm a discriminação de sua cultura como um problema muito sério. Estes coquistas, quando foram entrevistados, não deixaram de lamentar a falta de interesse dos seus filhos ou o total descaso com que o coco é tratado pelos jovens de suas comunidades. Sendo uma manifestação cultural popular que se transmite de uma geração a outra de forma oral, entende-se o porquê da preocupação dos “velhos” que participam do coco. Segundo as informações destas pessoas, os “mais novos”, embalados pelos ritmos que vêm sendo propagados pela indústria fonográfica, afirmam constantemente que o coco é “coisa de velho”. Como exemplo, Seu João Maria, mestre do coco de Caiana dos Crioulos, localidade onde se brincava coco semanalmente, nos informa que, nesta comunidade, hoje, só há espaço para o “baile”.

Seja como vítimas das condições sociais que são impostas às pessoas pobres do Brasil, seja como vítimas da discriminação étnica e cultural pela qual passam índios, negros e seus descendentes, por um lado, e os iletrados e praticantes da cultura popular, por outro, os coquistas na Paraíba, conforme o

material analisado, são pessoas que se encontram entre a nostalgia e a esperança.

ⁱ Informação extraída de meu relato de visita à comunidade de Forte Velho do dia 25/07/92.

ⁱⁱ Seu João Maria, mestre do coco da comunidade de Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande (PB), em entrevista concedida a Werber Pereira Moreno e a mim, no dia 17/ 01/93.

ⁱⁱⁱ Informação contida no relato de visita à Praia da Penha de autoria de Henrique Sampaio em 19/07/92.

^{iv} Entrevista com Seu Manuel Francisco de Melo, mestre do coco do bairro da Torre, João Pessoa, em 13/12/92. [*Nota dos organizadores*: Em 1998 soube-se que Seu Manuel não canta mais, nem trabalha, devido a um acidente vascular cerebral e que tem vivido ainda mais pobremente].